

 <p>ESCOLA DE HUMANIDADES</p>	<p>VERITAS (PORTO ALEGRE) Revista de Filosofia da PUCRS Veritas, Porto Alegre, v. 65, n. 2, p. 1-6, mai.-ago. 2020 e-ISSN: 1984-6746 ISSN-L: 0042-3955</p>
<p> http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2020.2.38370</p>	

SEÇÃO: APRESENTAÇÃO

Apresentação

Fabio Caprio

Leite de Castro¹

orcid.org/0000-0002-5156-0492

fabio.castro@pucrs.br

Evandro Pontel¹

orcid.org/0000-0002-9659-4231

epontel@hotmail.com

Recebido em: 04 jun. 2020.

Aprovado em: 09 jul. 2020.

Publicado em: 28 jul. 2020.

O presente número da revista *Veritas*, v. 65, n. 2 (2020), aborda a temática da *Estética*, e é composto por treze artigos. Este conjunto de escritos apresenta uma significativa pluralidade de abordagens, refletida na interdisciplinaridade com a Estética e no quadro de pensadores e de pensadoras que são contemplados no decorrer das exposições. Nessa direção, cabe registrar que cada um dos artigos apresenta-se como um convite ao diálogo filosófico, isto é, enquanto possibilidade de estabelecer uma leitura filosófica em estreita interface com campos do conhecimento distintos, desde a poesia; a literatura; passando pela arquitetura e pela música; tratando de questões implicadas em uma ética da imagem; até leituras de pensadores da Escola de Frankfurt, bem como autores considerados pós-modernos como Lyotard, e investigações que centram-se em autores que vêm ganhando notoriedade no tempo presente, tais como, Achille Mbembe e Judith Butler. Estes artigos, ademais, reúnem pesquisadores/pesquisadoras de diversificadas procedências, com leituras e estudos investigativos que engrandecem a presente publicação, cujas abordagens se ocupam de uma importante gama de problemas e questões que atravessam a condição humana e estão intimamente interligadas ao conviver, ao habitar humano, isto é, que fazem parte da totalidade do real.

O artigo de abertura, de autoria de Ricardo Barbosa, intitula-se "Música e linguagem na forma-ensaio. Sobre alguns motivos em T. W. Adorno". A sua reflexão mostra como alguns dos principais motivos da filosofia de Adorno, tais como a crítica ao sistema e ao pensamento discursivo, a superação do conceito pelo próprio conceito, o resgate do não idêntico e a configuração do nome constituem a "constelação de música e palavra", característica da já clássica apologia adorniana da forma ensaio, da qual também resultam suas debilidades.

Na segunda contribuição, "A filosofia posta em pessoas: por uma ética do poema em Celan e Derrida", Gabriela Lafetá tematiza um modo de pensar a filosofia a partir de uma escrita marcada pelo que se define como "pessoas". Jacques Derrida é o pensador guia no decorrer da exposição, filósofo que desenvolveu ao longo de sua obra a expressão "digno de seu



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

nome". A autora avalia em que sentido algo detém uma dignidade e por ela um nome, se a palavra dignidade [*Würdigkeit*] ainda nos remete, como em Kant, à noção incondicional de "pessoa" e se ela pode nesse registro e, como será explicitado, ser estendida ao todo-outro, e ainda assim, inscrever uma "majestade". É dessa forma que a expressão "digno de seu nome" atravessa a obra de Derrida quando ele inicia um incansável trabalho com a palavra, especialmente em seus escritos tardios, cuja significação não é mais objetável.

Na sequência, Peter Pál Pelbart, em "Contra os limites da linguagem, a ética da imagem", visa compreender e explicitar o delineamento de uma possível ética da imagem. A abordagem parte de estudos elaborados por Fernand Deligny, para o qual a imagem se contrapõe à linguagem pois recusa aquilo que esta carrega: sentido, mensagem, finalidade, palavras de ordem. Na sua teorização sobre o estatuto da imagem, Deligny dá a essa recusa uma dimensão ética e política.

O quarto artigo, "Gadamer e a experiência hermenêutica da arquitetura", de autoria de Gustavo Silvano Batista, visa abordar a hermenêutica das obras de arte a partir de Gadamer, oferecendo uma análise da arquitetura como uma das expressões artísticas na qual se pode reconsiderar a relação ontológico-interpretativa com as coisas em geral. Repensando a estrutura representativa própria da experiência hermenêutica das obras de arte, Gadamer introduz a arquitetura como uma expressão artística peculiar, na qual as obras de arte resistem aos posicionamentos estéticos atuais, reinserindo-as na esfera prática da vida. Essa tematização encontra ecos importantes na teoria e prática arquitetônicas, à medida que possibilita uma nova relação com as obras de arquitetura, para além das variáveis estéticas. Nessa senda, discute a experiência hermenêutica da arquitetura como um momento interpretativo decisivo da relação com as obras de arte, explicitando tanto o caráter ontológico-hermenêutico do pensamento de Gadamer quanto o traço hermenêutico das obras de arquitetura. Para isso, explicita-se um diálogo estabelecido por Gadamer e dois arquitetos, Jacques Herzog e Pierre de Meuron sobre a essência da ar-

quitetura. A resposta gadameriana indica o horizonte de tematização das obras arquitetônicas como extensão da experiência da obra de arte, tal como foi discutido em *Verdade e Método*, notadamente na discussão sobre a representação artística e a retomada das noções de ocasional e decorativo.

Em "Uma estética da palavra – o filosofar enquanto transformação em Lyotard", Felipe Karasek analisa a perspectiva de Lyotard a respeito da significação da palavra filosófica como possibilidade de transformação da realidade. Nessa perspectiva, se é preciso transformar o mundo, é porque há nele uma aspiração à outra coisa. Assim, no presente, existe algo que anuncia e antecipa, que chama o futuro. Existe um sentido que circula pelas coisas, pelas relações entre os seres humanos, e transformar realmente o mundo significa liberar esse sentido. Esse significado, por sua vez presente e ausente, é o que concede, a essa transcrição que é a palavra, não somente a plena responsabilidade do risco de errar, mas também, da possibilidade de ser verdadeira. Dessa forma, a ação transformadora não pode deixar de ser uma teoria, no verdadeiro sentido da palavra. É uma palavra que se arrisca a dizer, uma palavra que deseja o desejo da realização.

O artigo "A nova estética de R. Musil e os 'estados de agregação' da alma e do intelecto", de Kathrin H. Rosenfield, aborda o entrelaçamento inextricável entre o pensamento racional, os sentimentos e a concepção estética do romancista Robert Musil. Mostra como a compreensão da história das ciências e a familiaridade com os métodos do trabalho científico foram transpostas para os domínios humanísticos, desafiando a polarização típica da época que privilegiava dicotomias opondo racionalidade *versus* sentimento, precisão matemática *versus* intuição artística. Musil, ao contrário, mostra como o rigor do pensamento matemático e a capacidade de distinguir as sensações e ordenar os sentimentos beneficia a sensibilidade e todo o domínio ético e estético.

O artigo seguinte, "Memória, ética e estética: algumas considerações a partir de Adorno, Levinas e Gur-Ze'ev", de autoria de Bruno Antonio Picoli e de Alexandre Guilherme, parte da tarefa que Benjamin atribui aos que estão vivos: originar um verdadeiro

"estado de exceção". Compreende-se que essa é a tarefa primeira de uma Educação histórica, ética e estética. O artigo subdivide-se em três partes. Na primeira, os autores abordam, a partir de Adorno, o "estado de exceção" da violência sem memória e reafirmam o dever de memória que se opõe à barbárie. Na segunda parte, enfatizam, seguindo Levinas, a ética da responsabilidade. A terceira, direciona a análise à estética do Eros contraeducativo de Gur-Ze'ev. Ao final, concluem que a postura de um pensar histórico ético e estético perpassa a recusa de esquecer e o desenvolvimento de uma atitude crítica para consigo mesmo, para com o Outro, e finalmente para com a realidade.

O oitavo artigo, "Fantasmaterialidade: O subsolo estético da Crítica da razão negra", de Alexandre Pandolfo, tece considerações estéticas, filosóficas e políticas a respeito da imagem do "subsolo", indicada por Achille Mbembe no seu livro *Crítica da razão negra*. Partindo dessa imagem, o ensaio aponta para outras, principalmente, o fantasma e o espectro, com as quais forma uma constelação. Devido à sua forma, esse ensaio torna-se uma montagem, para a qual contribuem fragmentos de obras de Lima Barreto e de Carolina Maria de Jesus, procurando dialogar com as proposições de Mbembe e levar a cabo uma crítica da ontologia fundamental e as suas consequências genocidas.

Marcelo Leandro dos Santos, na reflexão seguinte, "Das Unheimliche: uma inquietante hesitação estética", disserta sobre alguns pontos presentes no texto *Das Unheimliche* (1919), de Sigmund Freud. A partir de uma meta-análise filosófica, explicita as intenções não aparentes de Freud com sua análise do termo *Unheimliche*. Determinadas particularidades da abordagem freudiana são observadas desvendando relações estéticas na construção de sentido do espírito próprio da psicanálise. Uma eventual aproximação dialética com a Teoria Crítica ajuda, segundo o autor, a identificar, nesse jogo de relações, a importância de conteúdos marginalizados pela história do conhecimento que são revitalizados por Freud.

Em "El desierto era parecido a un paraíso. Aventuras posthumanas en una novela de G. Cabezón Cámara", Paula Fleisner, parte da perspectiva do

materialismo pós-humano, uma linha de pesquisa que assume o presente como um contexto pós-antropocêntrico e pós-natural, no qual se tornou indispensável reconsiderar as diversas lógicas de existência que povoam a Terra. Ou seja, trata-se, para a autora, de pensar sobre o espaço pós/desumano que se abre com a interação, a hibridização e o co-surgimento de todo o existente em que atores humanos estão presentes, mas não mais no centro da ação, senão em uma mistura de agencialidades diversificadas.

A décima primeira contribuição, "Richer de Reims e suas Histórias: a construção narrativa – a estética como instrumento retórico (século X)", de Rafael Bassi, discute como Richer de Reims (941-998), monge beneditino do século X, compôs um relato histórico baseando na construção narrativa totalmente ligada ao aparato estético com instrumento retórico. A partir de sua formação clássica, organizada pelo Abade Gerbert d'Aurillac (futuro papa Silvestre II), Richer constrói um texto de Histórias (*Os quatro livros de História*) que compõe uma narrativa a partir de uma fórmula estética particular, que é a "reescrita", ou "criação", dos diálogos dos diversos personagens que aparecem no relato; com isso, faz com que as supostas "vozes" de seus personagens ajudem-no na legitimação, política ou intelectual, daqueles para quem ele deixa transparecer sua preferência.

Verlaine Freitas, no próximo artigo, que tem por título "Dostoiévski por Adorno: a metafísica literária da vida danificada no romance 'O duplo'", desenvolve uma análise das menções de Theodor Adorno à obra de Dostoiévski, enfatizando as relações entre a concepção do filósofo sobre a "vida danificada" e a obra literária do autor russo. Está em jogo demonstrar o quanto a "epopeia negativa", vista por Adorno em Dostoiévski, se corporifica no delineamento de uma subjetividade subterrânea a partir da ideia de um excesso subjetivo fragmentado, que desemboca na ideia de má-consciência e, por fim, na falência psíquica. Tais elementos serão investigados na interpretação do romance *O duplo. Poema petersburguense*, de Dostoiévski.

Por fim, no último artigo, "Judith Butler: um

formidável "erro" de tradução [Parte II], Jerônimo C. Milone debruça-se sobre a tradução argentina do livro *Who Sings the Nation-State?* de Butler e Spivak. Colocando em questão a relação entre tradução e hino nacional para sublinhar o possível nacionalismo atinente a determinadas manifestações políticas, esse mesmo livro, não obstante a sua própria advertência sobre a necessidade de *incli-nação* para cantar o hino, "erra" a grafia de "Il [sic] pueblo unido jamás sera [sic] vencido" ao citá-lo. A partir dessa questão, o autor indaga: será esse o caso de um "erro" deliberado, de uma contradição performativa? Com que *incli-nação* Butler terá citado essa canção? E o que poderia significar o fato de que, havendo suspeita de nacionalismo de um lado, de outro parece não haver, pois o tradutor da edição argentina "corrige" esses erros e, ao mesmo tempo, testemunha, em nota de rodapé, que estão "En español en el original"? Assim, analisando esses impasses da tradução, o artigo pretende indicar a contundência política que há na tarefa do tradutor e nas formas com que a literatura infringe as gramáticas.

A "Seção Varia" é composta por sete artigos que, em boa medida, decorrem do IV Colóquio Internacional de Bioética e do II Colóquio Emoções, os quais reuniram pesquisadores e pesquisadoras das áreas da filosofia em perspectiva interdisciplinar com a bioética, a medicina, as ciências jurídicas, a neurociência, as ciências sociais e humanas, nos dias 25 a 27 de setembro de 2019. O artigo primeiro, de autoria de Fabiana Mesquita Carvalho e de Nara M. Figueiredo, "Mental or Neural Representations: Justifying the terminology used in cognitive neuroscience", parte da seguinte questão: se um dos usos mais comuns do conceito de representação é justificável, sugerindo as condições sob as quais ele pode ser aceito e como pode ser relacionado aos estados mentais, em termos de experiências privadas e eventos públicos. Visa com isso explicitar que uma representação é uma relação que envolve três elementos principais, bem como o usuário da representação e propõe que as condições nas quais se pode conceber a atividade neural como representativa são definidas pelo contexto da observação de uma correlação entre

eventos públicos e padrões de atividade neural.

Em "Bioética e direito: uma análise dos princípios bioéticos aplicados ao biodireito", Tomlyta Luz Velasquez e Paulo Vinicius Sporleder de Souza *analisam* os princípios bioéticos e a possibilidade de sua aplicação no âmbito do biodireito. Após apresentarem um breve panorama da teoria dos princípios no campo jurídico, abarcando as principais evoluções doutrinárias, teorizam sobre os princípios da bioética estruturados pelo principialismo, abordando tanto os seus fundamentos e sua aplicação nos dilemas bioéticos, quanto as críticas sofridas que resultaram em nova proposta de estrutura principiológica. Os autores procuram elucidar o contexto dessa nova proposta de princípios bioéticos, na medida em que fortalece a preocupação com a coexistência entre o ser humano e os demais seres vivos, bem como a sua possível aplicação ao Biodireito, como salvaguarda da dignidade dos seres humanos nas questões éticas e jurídicas criadas pelos avanços biotecnológicos.

O terceiro artigo, de autoria de Laura D. Guerin, intitulado, "Neurociência Localizada: revendo diferenças de sexo/gênero em pesquisas sobre o cérebro", apresenta as críticas feitas por neurocientistas às pesquisas que buscam diferenças cognitivas entre homens e mulheres presentes no cérebro, principalmente utilizando o respaldo da neuroimagem. Desde o início dos anos 2000, a preocupação com a utilização da neurociência para justificar estereótipos de gênero e a falta de critério dos responsáveis para diferenciar as expressões "sexo" e "gênero" têm envolvido diversas neurocientistas no debate mais profundo entre natureza e cultura apresentado por essas pesquisas. Além disso, destaca a autora, é imperativo pensar no impacto desses resultados, considerando que eles fornecem argumentos para os diversos discursos sociais e contribuem muito para o entendimento das habilidades humanas.

Em "O papel das emoções no processo de tomada de decisão moral diante de conflitos bioéticos", Caroline Izidoro Marim, reflete sobre o papel crucial das emoções nas tomadas de decisões morais e sua contribuição na solução de conflitos bioéticos. Ao

contrário da tese racional, as tomadas de decisão morais demandam a colaboração entre razão e emoção, ou nos termos dos estudos em Metaética, cognição e emoção. Por meio da análise da teoria de António Damásio e das teses de filósofas morais feministas, como Kathryn Pyne Addelson e Martha Nussbaum, entre outras, refuta as recorrentes teses bioéticas conservadoras cuja autoridade moral é erroneamente delegada exclusivamente à racionalidade em detrimento das emoções.

O quinto artigo, "Modelos dinâmicos aplicados à aprendizagem de valores em Inteligência Artificial", de Nicholas Kluge Corrêa e de Nythamar de Oliveira, problematiza como tem-se desenvolvido a Inteligência Artificial (IA) e como os avanços de tais sistemas e agentes inteligentes poderão remodelar áreas vitais em nossa sociedade. Atualmente, diversos dos problemas em aberto no campo de pesquisa em IA advêm da dificuldade de evitar comportamentos indesejados de agentes e sistemas inteligentes. Talvez tal dificuldade decorra da forma como se aborda o problema de expressar objetivos, valores e metas, utilizando de métodos cognitivos representacionais. Uma solução para esse problema seria a abordagem dinâmica proposta por Dreyfus, que com base na filosofia fenomenológica mostra que a experiência humana do ser-no-mundo em diversos aspectos não é bem representada pelo método cognitivo simbólico ou conexionista, especialmente na questão de aprendizagem de valores.

A reflexão seguinte, de Marco Antonio Azevedo e de Marcos Rolim, "O que há de aterrador nos cenários tipo-Gattaca?", destaca que em um futuro nada distante, casais poderão consultar um especialista em fertilização artificial e escolher as características de seu futuro filho. Eles poderão facilmente selecionar embriões fertilizados em laboratório, podendo também alterar seus traços genéticos. No decorrer da exposição, os autores avaliam essas possibilidades, revisando criticamente os argumentos mais conhecidos na literatura contra o uso indiscriminado de tais técnicas (como o argumento da ladeira escorregadia, o argumento da precaução, a restrição dos direitos humanos, e os argumentos de alguns pensadores

influentes, como Grobstein, Habermas e Sandel). Ao final, defendem que a permissão de práticas eugênicas deve estar assentada na proteção dos direitos humanos, acrescentando, porém, alguns limites ao uso indiscriminado dessas técnicas em proteção ao valor da liberdade, da individualidade, bem como da redução da desigualdade social.

O sétimo e último artigo dessa seção, "Bioética em tempos de pandemia: Testes clínicos com Cloroquina para tratamento de COVID-19", de autoria de Alcino Eduardo Bonella, de Marcelo de Araujo e de Darlei Dall'Agnoll, apresenta uma urgente reflexão em tempos de pandemia e de seus reflexos à condição humana contemporânea. Na exposição defendem a necessidade de que se atue com rigor ético durante a pandemia do novo coronavírus e que não se afrouxem os padrões científicos e normativos nas pesquisas sobre possíveis medicamentos, em especial a Cloroquina, para a COVID-19. Explicitam, ainda, que, excepcionalmente, seria justificado pular algumas etapas na realização de testes clínicos ou tratamentos experimentais, mas que é inadequado fazer um uso indiscriminado de medicamentos *off label* para tratar pacientes enquanto os resultados das pesquisas não forem publicados em veículos de comprovada reputação científica. Para sustentar essa posição, os autores aplicaram os princípios bioéticos e da ética médica. Por fim, argumentam que políticas públicas para o uso de Cloroquina durante a pandemia não devem ser implementadas até que sejam divulgados os resultados das pesquisas realizadas pela "Coalizão COVID Brasil" e pela Solidarity da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Esse número contempla ainda duas traduções e uma entrevista. A primeira tradução, de Gabriel Debatin, é de um escrito do filósofo italiano, Gianni Vattimo, intitulado "Hermenêutica, democracia, emancipação". A reflexão centra-se na seguinte indagação: Pode-se "fundar" uma política democrática, de emancipação, ou ainda, dizendo mais claramente, progressista e de esquerda, sobre a hermenêutica? A tradução seguinte, de Ivo Fernando da Costa, tem por objeto o "Comentário ao livro de Hebdomadibus de Boécio", elaborado por Tomás de Aquino, que compreende as teorizações de um dos importantes pensadores do período medieval.

Ao finalizar esse número, destaca-se, ainda, a entrevista “Por uma democracia forte! Entrevista com Hans-Georg Flickinger”, que traz a contribuição de um pensador que desempenhou e desempenha um importante papel na formação de pesquisadores brasileiros, especialmente no que diz respeito à filosofia social e política. Ademais, sua atuação, experiência, pesquisa e produções teóricas também se destacam em outras áreas e campos, como o serviço social, a educação, as ciências sociais e o direito, deixando suas marcas, provocações e desafios significativos para os tempos atuais.

Enfim, em nome da equipe editorial, agradecemos pela generosa contribuição e pela disponibilidade, de cada uma das autoras e de cada um dos autores, especialmente no decurso do processo editorial. Não menos importante, o papel desempenhado pelos membros do corpo de avaliadores do periódico, a quem registramos o reconhecimento pela dedicação e pela presteza no exercício avaliativo dos artigos.

Votos de Boas Leituras!

Fabio Caprio Leite de Castro

Doutor em Filosofia pela Université de Liège (Bélgica). Professor no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Evandro Pontel

Doutor e pós-doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Fabio Caprio Leite de Castro/Evandro Pontel.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 8, 4º andar, sala 403, Partenon,
90619900, Porto Alegre, RS, Brasil